

CRISE NO CONGRESSO

TV põe senadores entre o sucesso e o desastre

Para especialistas, ganho com exposição na mídia será perdido se conselho frustrar opinião pública

SILVIO BRESSAN

Estrelas do novo espetáculo da mídia nacional, os senadores que aparecem nas sessões do Conselho de Ética do Senado brilham hoje no céu do cenário político, mas podem estar muito mais perto do inferno do que imaginam. Por enquanto, depois de mais de 30 horas de exposição na TV Senado, nas emissoras a cabo e nos grandes telejornais, eles acumulam um saldo positivo na opinião pública e largam na frente para a disputa eleitoral de 2002. Todo esse capital político, porém, irá para o ralo se os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF) não forem cassados. Essa é a avaliação de alguns especialistas em marketing político e opinião pública. Segundo eles, se tudo terminar em um grande acordo, todos os que participaram do processo correm o risco de não sobreviver na próxima eleição.

Será um preço alto para quem está no fim do mandato, como 10 dos 15 senadores do Conselho de Ética, que terão de se candidatar no próximo ano. Mesmo entre os cinco com mandato até 2007, pelo menos dois têm pretensões eleitorais no próximo ano. Amir Lando (PMDB) pode se candidatar ao governo de Rondônia e Heloísa Helena (PT) pensa em disputar o mesmo cargo em Alagoas. Entre os que não fazem parte do conselho, mas batem ponto na frente da telinha, Eduardo Suplicy (PT-SP) sonha em ser candidato à Presidência e Pedro Simon (PMDB-RS) já foi até lançado pelo seu partido para o mesmo posto. Por enquanto, apesar de alguns exageros, todos estão no lucro.

É o caso do presidente do conselho, Ramez Tebet (PMDB-MS), que até agora tem sido um dos maiores beneficiados pelos holofotes da TV. Embora tenha presidido a CPI do Judiciário, em 1999, o senador continuava praticamente desconhecido fora do seu Estado e de Brasília. Agora, basta ram duas semanas de exposição na mídia e Tebet, sempre no centro da mesa, tornou-se um dos rostos mais conhecidos do conselho. "Como era pouco conhecido e conduziu com muita elegância os trabalhos, ele foi um dos que mais ganharam", avalia o cientista político e pesquisador Rubens Figueiredo.

Nada disso, entretanto, na opinião do especialista, será suficiente para Tebet garantir a reeleição ou disputar o governo do Estado no próximo ano, se tudo acabar em pizza. "De grande magistrado que tem sido até agora, Tebet pode ficar como o grande pizzaiolo dessa



Acareação vira atração popular: vitrine para parlamentares

história", anota Figueiredo. Nessa hipótese, até mesmo os maiores defensores da cassação correm risco de não resistir às próximas eleições. "O prejuízo será geral", adverte Marcos Coimbra, diretor do Instituto Vox Populi. "Tem senador que se acha a consciência crítica da Nação, mas para o público ele faz parte do mesmo espetáculo e ficará tão desacreditado quanto os outros."

Da mesma forma, o cientista político e professor da USP Gaudêncio Torquato acha que os senadores entraram num caminho sem volta. "Não há mais retorno, porque muitas pontes já foram queimadas", afirma. "Se o Senado não cortar na própria carne, será fatiado nas próximas eleições."

Pizza – O professor de Ciência Política da PUC-RS e diretor do Instituto Meta de Pesquisa, Flávio Eduardo Silveira, reforça a convicção geral de que uma pizza no Senado teria efeitos colaterais para os senadores na disputa de 2002. "As imagens que um participante do conselho poderia usar no próprio programa de TV vão acabar no horário político do adversário, para comprovar seu envolvimento no processo de salvação de ACM e Arruda", prevê.

Ainda que o processo acabe na cassação dos réus, os especialistas ponderam que a simples exposição dos senadores na mídia não vai garantir a reeleição de ninguém. Depois de coordenar várias pesquisas qualitativas, onde um grupo de pessoas analisa o desempenho dos políticos, Marcos Coimbra, Flávio Silveira e Rubens Figueiredo atestam que o eleitor está cada vez mais exigente.

Na acareação de quinta-feira, por exemplo, eles acham que a verborragia de Simon e Suplicy, com intervenções de quase meia hora, ajudou menos do que imaginam seus autores. "Depois das primeiras perguntas do Saturnino (Braga, relator do conselho) e da intervenção do Jefferson Péres (PDT-AM), pouca coisa restou a dizer", anota Coimbra. "Para que, então, depois de horas de depoimento, o Suplicy precisava levar mais de 27 minutos em uma pergunta que começou com Rui Barbosa?", espanta-se o diretor do Vox Populi.

O grande equívoco, observa Silveira, é o político achar que os dividendos da mídia são proporcionais ao tempo de exposição. "O eleitor não gosta de discursos prolixos, porque tem a sensação de que está sendo enro-

lado", diz o professor gaúcho. "Uma pergunta direta e uma observação incisiva, como a do Jefferson Péres ('Alguém aqui está faltando com a verdade') vale mais do que meia hora de discurso", compara Figueiredo. "É isso que fica na memória do eleitor."

Ainda assim, pontifica Coimbra, nada garante que a vitrine de hoje vai render votos amanhã. "A notoriedade desse conselho é muito transitória", considera ele. "Vem aí uma CPI da Corrupção e daqui a um ano poucos se lembrarão desse episódio." No seu entender, a enxurrada de denúncias não favorece ninguém, nem mesmo os acusadores. "O eleitor está cansado e não individualiza, como imaginam os políticos", adverte Coimbra. "Para ele, a bola da vez não é nenhum parlamentar, mas o próprio Congresso."

CAMINHO É
SEM VOLTA,
DIZ CIENTISTA
POLÍTICO